

CLUBE
DOS
BARDOS

Escrita
Criativa
Xenite



TUDO QUE PERDI NA FLORESTA

OFFICER
KIRAMMAN

Desafio: Clube dos Bardos - Setembro de 2024

Proposta: Enemies to lovers

Estilo de Fanfic: Clássica, Post-FIN

Tudo que perdi na Floresta

Eu caí ao chão ainda sentindo o impacto contra meu maxilar ressoar contra os ossos da minha face. O gosto de sangue preencheu minha boca e por um momento a minha visão se turvou. Permaneci no chão deitada, respirando fundo e contemplando a desgraça da minha própria existência. Nocauteada. Reduzida.

Então era assim que eu a havia feito sentir anteriormente.

Meu abdômen estava dolorido, meu supercílio estava aberto e havia várias contusões por todo meu corpo, mas nada se comparava à dor moral que eu sentia agora. Fechei os olhos, desejando ser absorvida pela escuridão, mas um turbilhão de vozes ao meu redor me mantinha consciente.

“Por que você não se defendeu?” - A voz dela tinha uma fúria e uma raiva que eu nunca havia ouvido antes. Definitivamente não era a mesma pessoa com que eu havia lutado algumas luas antes, mas isso já havia ficado claro quando a encarei antes da luta iniciar. Olheiras profundas emolduravam seus olhos verdes, e se no passado encontrei neles compaixão, ela havia desaparecido agora. Amargura talvez fosse a palavra que definisse melhor a imagem que a envolvia.

“Você não deveria ter feito isso. Eu aceito o meu destino”. A outra voz baixa respondeu.

“Bom, mas eu não aceito. Estou cansada de perder pessoas. Não vou perder você”. - disse a rainha, dando as costas para tudo e se retirando para a cabana real.

Ainda que o sangue lavasse meu rosto e turvasse minha visão, pude notar algumas outras amazonas ali. Elas não sabiam o que fazer, divididas entre o desejo de me ajudar a levantar e o medo de contrariar sua rainha. Sem problemas – pensei – eu nem queria levantar mesmo. Queria que o chão me absorvesse. Queria sumir. Queria o vazio.

Por fim, a ajuda veio. Senti um pano molhado limpando minha testa suada e suja de sangue. Abri os olhos e ali estava ela. O motivo da minha desgraça: Livia.

Não interessa com quantos nomes a rebatizassem, para mim ela ainda seria a mesma Livia. A Livia que levou minha irmã. A Livia que tentou me matar. E não é como se eu não tivesse tentado. Eu tentei, em mais de uma ocasião, desistir desse sentimento avassalador de vingança. Eu tentei deixar pra lá. Mas a ideia de tê-la mais vulnerável e desprotegida do que antes era embriagante demais para se dissipar.

-Me deixe – eu sibilei, tentando me erguer para sumir dali, mas caindo novamente ao sentir toda minha força se esvaír.

-Se eu te deixar aqui, até o final do dia, teremos uma pira funerária queimando no meio da aldeia e eu sei que Gabrielle nunca se perdoará.

Eu não me lembro em detalhes como fui removida dali e transferida para ala da curandeira da tribo. Acredito que oscilei entre inconsciência e semiconsciência por muito tempo. Lembro de sentir mãos cuidadosas aplicando cataplasmas gelados em diversos pontos do meu corpo, de ser obrigada a sorver goles pequenos de vários chás amargos e de ser limpa e alimentada todos os dias. Somente no terceiro dia que tive consciência clara de que a pessoa responsável por esses cuidados era ela, Livia. Senti raiva.

-Você zomba da minha dor – resmunguei amargamente ainda incapaz de levantar. Uma lágrima, não de tristeza, mas de amargura, teimava em escorrer pelo canto do meu olho.

-Varia, escute. Eu não acho que seja de alguma ajuda eu tentar me justificar aqui. Sei que acabei com a sua vida de maneiras irreparáveis, e nunca pedi perdão por isso, porque não acho justo te colocar numa posição em que você deva considerar me perdoar, quando eu mesma não me perdoei por todas as coisas que fiz de ruim no passado. Mas, ainda que a contragosto, eu entendi que minha morte de nada valeria para resolver isso, pois me privaria de tentar fazer algum bem enquanto posso para tentar equilibrar as coisas. Minha mãe me ensinou isso e eu lamento que ela não tenha sido capaz de entender isso ela mesma no final de tudo.

-Eu também lamento – eu disse com sinceridade.

Era verdade. Ainda que Xena tenha me frustrado por inúmeras vezes, ainda que a nossa relação tenha sido conturbada pelo meu ódio avassalador por Livia, eu respeitava a guerreira que Xena era. E era uma pena que o mundo a tivesse perdido da maneira que perdeu e ainda que meus sentimentos por Gabrielle nesse momento fossem um misto de vergonha e amargura, eu me preocupava

com o futuro que nossa tribo teria se Gabrielle não encontrasse as forças necessárias para voltar a ser a guerreira justa e compassiva que sempre foi.

Não que eu duvidasse da sua força ou da sua capacidade militar. Havia tido provas de que ela continuava intacta, o que ficou bem claro pelos acontecimentos recentes. Quando sequestrei Livia e a trouxe para o acampamento amazona a fim de lhe dar um julgamento correto sem interferências, eu não havia imaginado que Gabrielle voltaria de sua viagem com a velocidade que voltou e muito menos que após dias exaustivos na estrada teria forças para desmontar do seu cavalo e voar como um raio para cima de mim. Parecia que a marca dos nós de seus dedos ainda jazia no osso do meu rosto. Não, a guerreira ainda estava lá. Mas agora havia algo impiedoso nela, que o luto havia despertado.

-Deixe-nos. - senti a voz áspera ecoar na tenda. Olhei para o lado e ali estava ela. Livia suspirou, sabendo que não adiantaria protestar e deixou o recinto.

Seus olhos estavam frios e sem emoção.

-Por três vezes você tentou executar Eve, e por três vezes você falhou. - Dirigiu a palavra a mim. - É uma pena não ter aprendido nada. Isso soma um total de 4 atentados contra a Nação Amazona...

-Não entendo, minha rainha. - disse eu um pouco confusa.

-Varia, Varia... - havia um traço de indulgência cínica em sua voz – Tem muitas coisas que você não entende. Você é uma criança teimosa e imatura, mas o que torna as coisas mais graves, é que diferente de uma criança de verdade, você é uma ameaça ao seu povo. Veja bem... Você tentou me matar no meio de nossa batalha contra Belerofon. Você tentou executar sua rainha pelas costas...

Um traço dolorido de vergonha me atingiu. Era verdade que eu havia tentado fazer aquilo para salvar o resto da Nação Amazona no calor da batalha, mas havia sido uma decisão estúpida.

-Me perdoe – a voz saiu com dificuldade.

-Ah não, não. Eu já havia te perdoado na ocasião. Honestamente eu não me importei tanto *comigo* naquele momento, mas confesso que minha perspectiva sofreu algumas mudanças recentemente. Mas de todo modo... Sua tentativa de assassinato se soma com as três ocasiões em que tentou executar Eve. O que você não sabe, é que Eve é uma princesa amazona, Varia. Pois é, poucos sabem, mas quando bebê, ela recebeu meu direito de casta.

- E depois quase aniquilou a nação amazona, as vendendo como escravas. - Eu disse entre os dentes.

-Sob o comando de Ares, o mesmo Ares ao qual você se aliou para tentar matá-la. Muito nobre da sua parte, não é? Não... Nobre não. Estúpido, imagino que seja a palavra mais adequada para alguém tão egocêntrica que mal percebeu ter virado um joguete nas mãos de um deus igualmente estúpido.

Certo. Mais um soco, dessa vez no meu ego. Não havia motivos para eu sentir ódio de Gabrielle, pois ela estava certa. Isso não quer dizer que eu me sentisse bem com as palavras que ela despejava.

-A Lei Amazona deixa claro que atentar contra sua rainha ou contra a princesa amazona fora de um desafio formal é punível com execução, Varia. Para a sua sorte eu não sou adepta de levar essas leis à risca, como você bem sabe. Me chame de progressista, se quiser...

-Eu aceito a minha pena. Me execute. - Era o que eu queria afinal, o vazio e o esquecimento. Talvez fosse a única coisa que pudesse aplacar a minha dor nesse momento.

-Você será banida em vez disso. Eu te sentencio ao exílio na floresta da Kalamiaris, onde você deverá passar quatro luas, sem suas armas e sem nenhum equipamento de proteção. Se você sobreviver, poderá voltar à tribo se assim desejar. Caso não queira retornar, poderá seguir livre a vida que quiser, mas nunca mais deverá pisar em solo amazona. E Varia, não tente trapacear. Eu saberei.

Dia 1 do exílio.

Eu ouvi o som estrondoso do portão do acampamento bater atrás de mim e eu senti que nada mais seria como antes. Três semanas se passaram desde que Gabrielle proferiu minha sentença. Ela foi piedosa o suficiente para esperar que eu me recuperasse integralmente antes de me lançar à minha própria sorte. O sentimento de solidão era tão grande como no dia em que perdi minha irmã, porque eu sabia que mesmo que sobrevivesse ao exílio, jamais teria coragem de voltar e encarar minhas irmãs amazonas nos olhos. Eu havia falhado e eu estava sozinha.

A caminhada até adentrar a extensa floresta foi longa e me tomou várias horas. Ser abraçada pela escuridão entre as árvores fez meu estômago revirar. Artemis não me ajudaria, pois estava morta. Por Ares eu sentia asco. E os demais deuses que haviam sido poupados por Xena, seriam inúteis nessa hora. Encontrar abrigo antes que anoitecesse era minha melhor chance e assim prossegui.

Pelos Deuses, como era difícil conseguir soltar alguns cipós sem qualquer tipo de lâmina. Galhos então, eu só conseguia quebrando, mas eram irregulares

demais para tentar construir uma miserável cabana. Eu juro que tentei, mas no fim minhas mãos acabaram feridas demais para continuar tentando e resignada, taquei fogo nos poucos galhos que havia conseguido, para pelo menos poder me aquecer à noite e espantar qualquer possível animal selvagem. Acabei dormindo, tomada pela exaustão das horas de trabalho e pela frustração.

Dia 2

Ao amanhecer, levantei-me e fui tentar improvisar algumas armadilhas a fim de tentar conseguir alguma caça que pudesse me manter nutrida pelas próximas horas. Era tudo extremamente rudimentar, pois sem ferramentas não havia muito que eu pudesse fazer. As deixei armadas e após me hidratar um pouco com a água do córrego, voltei à minha tentativa de montar algum abrigo. Pelos meus cálculos, imagino ter perdido meio-dia construindo uma pífia tentativa que parecia querer desabar a qualquer momento. Não consegui nenhuma caça, mas encontrei algumas frutas de um arbusto, que não tinha total certeza de serem comestíveis, mas sem outra opção, as ingeri.

Madrugada do dia 3.

O vento impiedoso apagou minha fogueira e levou o que eu algumas horas antes chamei de “telhado”. Meu corpo treme violentamente. Em algum momento o cansaço me vence e eu caio no sono.

Dia 3

Minha cabeça lateja. Estou irritada, com fome, com sede e exausta. Decidi me aprofundar mais na floresta na esperança de achar algo para comer e quem sabe uma caverna onde possa me abrigar. Eu ando sem rumo, usando um galho reto como apoio. O sono, por causa da noite mal dormida, me deixa pouco alerta e eu tropeço em vários momentos. Que porcaria de amazona sou eu? Se Artemis estivesse viva, se envergonharia de mim. Consegui improvisar alguns odres com segmentos de bambus e ao menos consigo me manter hidratada durante o dia, mas meu estômago ruge reclamando da falta de comida. Coletar algumas raízes que sei serem comestíveis, mas são amargas como fel e minha garganta reclama. Faço novas armadilhas, mas minha sorte piora. Uma chuva torrencial começa abruptamente e sou pega sem abrigo debaixo daquele aguaceiro gelado. Tudo está molhado agora, e não consigo sequer acender uma fogueira. Minhas armadilhas foram levadas pela água. Que os deuses que restaram tenham piedade de mim.

Dia 4

Sinto que na madrugada anterior transcendi o frio. Tremi tanto que achei que meu interior havia virado algo gelatinoso, mas fui acordada por um sol

flamejante que parecia que o próprio Apolo havia me abraçado. Minha garganta estava seca como areia. Bebi um pouco de água e iniciei minha caminhada, me aprofundando mais na floresta. Comecei a marcar pequenos riscos no meu cajado improvisado para contabilizar quantas noites haviam passado. Ao menos quando eu perecer e alguém encontrar a madeira marcada, verão que tentei. A floresta era estranhamente silenciosa, salvo pelo canto ocasional de alguns pássaros. Havia algo de opressor nesse lugar que parecia começar a me sufocar. Ouvi galhos caídos se quebrando em algum lugar da mata e senti que algo me espreitava. Seria alguma fera disposta a colocar fim ao meu sofrimento? Ou algum pequeno animal que pudesse virar minha primeira refeição decente? Talvez fosse apenas delírio pela condição débil que eu me encontrava. O som parou.

A madeira estava molhada demais para queimar. Por Hades, mais uma noite fria pela frente. Encontrei algumas sementes comestíveis numa clareira e as ingeri como se fossem ambrosia.

Madrugada do dia 5

Cometi um erro terrível ao comer aquelas sementes. Ou talvez a água do riacho tenha se contaminado com algo trazido pela chuva. Meu estômago lateja e minha cabeça está queimando. Dormir em cima de folhas molhadas também não ajuda. Meu corpo inteiro treme. Sinto uma mão segurar meus ombros no lugar. Tento enxergar com minha visão turva, mas não tem ninguém. Estou delirando.

Dia 5

Acordo me sentindo fraca.

Folhas enormes cobrem meu corpo. Há uma fogueira acesa perto de mim, e um coelho sendo assado num pedaço de graveto. Meus odres estão cheios. Rastejo até perto da fogueira e devoro aquele assado como se fosse o maior banquete que já comi. Bebo muita água também. Sinto um pouco de dignidade e de saúde tomando meu corpo. Do lado da fogueira tem uma pedra pontiaguda bastante afiada. É obsidiana. Me sinto confusa imaginando quem havia feito tudo isso, mas seja lá quem a deixou aqui, acabou de equilibrar um pouco minhas chances. Com minha nova ferramenta fica muito mais fácil cortar os cipós e galhos que eu preciso. Ainda me sinto um pouco fraca, mas aos poucos minhas forças se retomam. Consigo fazer algumas armadilhas que acredito que serão mais eficazes que as primeiras.

Dia 6

Na noite anterior consegui fazer um abrigo um pouco mais consistente e ter uma noite um pouco melhor de sono. Acordo um pouco melhor. Desço até o riacho e tomo um banho restaurador. Confiro minhas armadilhas e encontro duas aves, que viram minha refeição. Guardo uma delas para mais tarde. Chego à conclusão de que agora mais forte, eu deveria sair em busca de uma caverna realmente, pois caso chova novamente, me encontrarei em apuros. Junto minha lâmina improvisada, meus odres e as comidas que preparei e começo a caminhar. No meio da minha jornada escuto novamente algo quebrando os galhos secos do chão. Olho para trás rapidamente, e não vejo nada. Uma brisa bate como se zombasse de mim. Balanço a cabeça e continuo caminhando.

Noite do dia 6

Encontro o que procurava. Minhas coxas ardem de exaustão, mas solto o ar aliviada. Tento seguir até a entrada da caverna recém-achada, sei que tenho poucas horas para montar uma fogueira antes que o frio da madrugada venha impiedoso. Quando vou dar um passo em direção à clareira que demarca a entrada da caverna sinto minha cabeça girar. Algo segura firmemente meu tornozelo e me lança para cima. Meu corpo dói, balançando ao ar enquanto uma corda aperta meus tornozelos. Idiota – penso eu. - Virei a caça.

-Amazona... - sibila um homem de tamanho médio, com dentes podres e vestes maltrapilhas. Talvez as suas vestes estivessem em más condições, talvez isso fosse intencional para se camuflar. Eu não sabia. - Gosto muito de amazonas. - Ele colocou a lâmina no meu pescoço e as escorregou até meus seios. Eu tentei me agitar, mas sabia que se o fizesse, poderia piorar as coisas, então parei. Minha lâmina improvisada estava na minha bota, fora de alcance, então por mais que quisesse, não poderia enfiá-la na garganta daquele porco imundo. Teria que deixar isso para mais tarde. Eu reconhecia aquele tipo, caçadores de gente estavam se tornando muito comuns aos arredores do território amazona, seja agindo solo ou em bandos. Sem a proteção de Artemis, acreditavam que elas haviam se tornado um alvo fácil para seu esporte hediondo. Era uma das razões pelas quais eu estupidamente tentei fazer um trato com Ares.

O caçador amarrou minhas mãos atrás do meu corpo e cortou a corda que segurava meus pés fazendo eu cair dolorosamente. Tentei levantar-se e correr, mas sem os braços livres tudo que fiz foi cair de cara no chão. Senti ele se aproximando por trás de mim e me segurando. Seu corpo imundo encostando no meu. Fechei os olhos. Que final ridículo. Há alguns dias eu queria morrer, mas nunca desejei por *isso*.

De repente o peso do corpo daquele ser grotesco saiu de cima de mim. Mas não de maneira lenta ou por vontade própria. Pelo baque surdo que escutei, percebi

que ele foi arremessado ao chão de maneira violenta. Escutei o som de algo quebrando. Consegui rolar para o lado e me desvirar, para então ver que se tratava de um antebraço.

-Agora suma daqui se não quiser que eu quebre todo o resto dos ossos do seu corpo. - gritou uma voz furiosa.

Pisquei algumas vezes tentando entender se eu estava delirando ou se realmente meus olhos viam o que viam.

-Livia? - sussurrei.

Ela fungou, com um pouco de frustração. Tirando uma faca de sua cintura, cortou as cordas que me prendia as mãos.

-Você devia tê-lo matado. - falei um pouco baixo.

-Talvez. Mas eu não faço as coisas desse jeito. Não mais.

-Por que você está aqui?

-Aparentemente para te salvar – sua voz misturava calma e um pouco de cinismo. Era sem dúvida uma mistura perfeita de Xena e Gabrielle. -Venha. - Ela segurou uma tocha que havia deixado cravada no chão enquanto arrebentava o bandido que me atacou, e me conduziu para dentro da caverna. Lá fez uma fogueira rapidamente e saiu em busca de forragem para o chão duro e gelado de pedra. Voltou com capim seco e o espalhou no chão -Não é a melhor cama, mas acredito que hoje você descansa um pouco melhor. Cuide-se Varia. Não se deixe capturar, ok? Gabrielle não quer isso.

Ela virou as costas para mim e saiu da caverna. Pisquei algumas vezes tentando fazer sentido do que havia acabado de acontecer e disparei numa tentativa de corrida desajeitada – ou qualquer coisa parecida, que minhas forças permitissem – para alcançá-la.

-Espera aí - gritei. Foi inútil, ela não parou. Continuou a andar com sua tocha em direção às árvores densas, sem explicação. - LIVIA, VOLTE AQUI. - gritei novamente. Nada.

Tentei andar atrás dela, mas eu ainda me sentia fraca e com dor.

-Volte aqui! - gritei novamente – EVE! - Ela parou. Virou-se devagar e retornou. Me olhou nos olhos esperando. Tentei sustentar o olhar, mas não consegui e desviei. - Gabrielle sabe que você está aqui? - perguntei por fim.

-Não. E ela não vai saber. - Esperei por mais palavras, mas elas não vieram.

-Por que você me salvou?

Ela demorou um pouco para responder e riu um pouco triste.

-Sério, Varia? Você acha que eu te deixaria virar presa daquele cara?

- Digo... Eu na verdade queria saber por que você está aqui.

-Apenas fique grata por eu estar. Eu já estou partindo, ok? Não vou te incomodar.

-Liv...Eve? Por favor... Eu... - eu balancei a cabeça confusa tentando fazer sentido daquilo. -Você estava me seguindo? A lâmina de obsidiana, o coelho... Foi você?

Ela respondeu com um sorriso torto, sem graça e deu de ombros.

-Era a coisa certa a se fazer. Eli iria...

-Esqueça Eli. Se Gabrielle descobrir que você me ajudou ela vai me punir, e vai TE punir.

-Eu sei lidar com Gabrielle.

-Mas eu não sei. Não quero que estrague minha prova. - falei um pouco mais alto do que pretendia, o que provavelmente soou como um grito.

Livia me olhou por alguns minutos. Eu não conseguia ler sua expressão muito bem. Sua calma e sua fala macia eram sempre muito pouco reveladoras sobre suas intenções.

-Você preferia ter morrido, ou quem sabe virado uma escrava sexual daquele cara? - disse por fim.

Eu não respondo. Deveria agradecê-la? Eu só queria sumir. Não sei como lidar com as coisas que sinto nesse momento. A frustração imensa por não poder fazer NADA a respeito do ódio que ainda sinto por ela. A sensação de fracasso que me inunda ao perceber que tudo que fiz não serviu para nada além de me autossabotar. A vontade de chorar em posição fetal por horas.

-Eu estou indo – ela diz.

-Espere. - falo incerta do motivo de sequer ter falado. - V-você não deveria entrar nessa selva escura com esse cara solto por aí. Não sabemos se ele está sozinho.

-Você acha que não sei me defender? - ela perguntou, não com irritação, mas com um sorriso desafiador. - Está preocupada comigo, Varia?

O ultraje. É claro que não. Por que eu me preocuparia com a integridade *dela*? Da pessoa que desejei ver morta por tantas vezes?

-Gabrielle enlouqueceria se algo acontecer com você. Passe a noite aqui pelo menos. - Respondo.

Ela sorri. Isso me irrita. Isso me irrita muito, mas não faço nenhum comentário. Ela aproxima-se da fogueira e começa a mexer nas brasas com um graveto. Eu tiro o pouco de comida que resta e estava guardado nas minhas coisas e faço o que seria decente e esperado, ofereço. Ela recusa. Ridícula.

Eu me encosto nas rochas duras da caverna e tento achar uma posição confortável para passar a noite. Não lembro de mais nada.

Dia 7

Abro meus olhos em sobressalto. O fogo está baixo e encontro frutas dispostas em cima de uma grande folha de vegetação perto dele. Meus odres estão cheios. Não há sinal de Livia no entanto. Me sento perto do fogo e como parte das frutas. Bom, agora pelo menos tenho um lugar seguro e uma arma. Talvez eu deva me sentir grata em vez de amargurada.

Preciso caçar. Por mais que as frutas tenham me nutrido, a necessidade de carne é evidente para manter minha condição física minimamente decente.

Saio para a mata e colete alguns materiais para fabricar um arco simples. Torná-lo funcional será o próximo passo, mas enquanto isso não acontece, tento me manter hidratada e descansar bastante para poupar energia. Com a pouca comida que ingeri nos últimos dias, todo passo desnecessário que dou é um gasto da energia que pode fazer falta depois.

Dia 8

Eu acordo determinada a conseguir comida. Comida de sustância, que restaure minha força e eu possa parar de me sentir atordoada toda vez que levanto.

Saio para a mata com as flechas que fiz na noite anterior e dou sorte. Consigo abater dois pequenos roedores. Sei que não passarei fome, mas sei que também não é o suficiente. Se eu conseguir umas duas aves talvez tenha o suficiente para uns 4 dias.

Asso a caça que consegui e decido esperar a noite chegar. Alguns animais têm hábitos noturnos e será mais fácil encontrá-los. Também estará menos quente e eu conseguirei perder menos líquido corporal.

Noite do dia 8

Aponto a flecha para um pássaro noturno que se senta em uma pedra para bebericar a água que deixei estrategicamente posicionada como chamariz num segmento de bambu. Consigo abatê-lo com sucesso acertando uma flecha em

seu peito. Levo a ave até o riacho para limpá-la com ajuda do luar. Estou alimentada, mas tenho que assá-lo já para não deixar que estrague.

Estou terminando de me livrar das vísceras quando sou derrubada na água. Um gato selvagem obviamente atraído pelo cheiro do sangue pula em mim, arrancando a caça da minha mão. Não é um animal tão grande. Tento lutar batendo nele com meu arco, pois não tenho distância para disparar. Ele arranha meu braço profundamente e recuo. A fera foge com minha comida. Hades.

Madrugada do dia 9

Tento manter o ferimento limpo da melhor maneira possível e fazer um cataplasma com algumas raízes e ervas maceradas. A dor diminui, mas não está nada bonito.

Não me sinto muito bem.

Dia 9

Saio pela manhã atrás de mais comida. Encontro frutas e o açúcar delas me dá um pouco mais de energia. Vou até o riacho pois resolvo apostar minhas chances em tentar pescar algo para comer. Tento mirar nos peixes e atirar neles, mas minha visão está um pouco embaçada e meu arco está danificado por ter tentado golpear o felino. Acabo me resignando e me contentando em brigar com um pequeno caranguejo que será meu café da manhã hoje. Pouquíssima carne. Bebo bastante água, mas me sinto exausta. Acabo deitando em uma pedra perto do rio e sou vencida pelo cansaço. Sinto meu rosto arder febril e olho para meu braço. Secreção purulenta sai dele. Isso não está nada bom. Fecho os olhos e suspiro longamente.

Quando os abro, Marga está em minha frente. Sento-me em sobressalto emocionada e meus olhos se enchem de água.

-Você está viva!

-*Você* está viva, Varia.

-Ou o que resta de mim... - digo tristemente. - Eu senti tanto a sua falta, mãe.

-Você cresceu sem mim. Entendo que foi difícil, mas foi necessário. Entretanto, não terminou.

-Eu perdi tudo. Não sei o que fazer.

-Você precisa morrer.

-Morrer? Eu não entendo..., mas aceito. Morrer acabaria com minha dor.

-Não. Não dessa maneira. Você precisa morrer para que a Varia de verdade possa renascer. Sua sede de vingança, sua mágoa, sua amargura, precisam morrer para que você volte a ser uma amazona.

-Eu não sei como fazer isso, Marga. Eu quero ficar aqui com você. Não tenho mais ninguém. Eu aceito a minha morte.

-Mas eu não - disse me dando uma bofetada no rosto.

Abri os olhos. Marga não estava ali. Livia estava. Ela iria me esbofetear de novo, mas ergui a mão aparando o golpe como pude. Ela arregalou os olhos surpresa, e sorriu.

-Olá. Bem-vinda de volta - disse simplesmente. Percebi que não era exatamente uma bofetada, mas um tapa no meu rosto na tentativa de me acordar. Meu corpo fragilizado que a sentiu vir com mais força do que a realidade.

-O que você está fazendo aqui?

- Acho que se tornou um hábito. Você tem um talento peculiar para arrumar encrenca. Tipo ficar inconsciente na beira de um rio debaixo de um sol escaldante, estando febril e com uma ferida infectada.

Olho para meu braço. Tem uma folha amarrada nele e uma sensação estranha de formigamento no ferimento.

-O que você fez?

-Medicina de guerra.

Uma pequena larva caiu pra fora do curativo improvisado.

-VOCÊ FEZ O QUE???? - exclamo arrancando as amarras e revelando um monte de larvas grudada em minha carne.

-Se acalme. As larvas comeram o tecido infectado evitando que a infecção se espalhasse por seu corpo. É só retirá-las e lavar o ferimento agora. - ela diz esticando meu braço e derramando água sobre ele.

Preciso admitir que a ferida parece bem melhor.

-Eu vou ficar com você até ter certeza de que está fora de perigo. Se você perder a consciência de novo, poderá virar presa de algum animal.

-Espera aí, como você me achou? Você está me seguindo?

Ela não responde. Apenas dá um sorrisinho de canto de lábio como se admitisse que foi pega.

-Gabrielle não vai gostar disso.

-Gabrielle não é a pessoa que você pensa, Varia. Gabrielle não está bem, mas dentro da sua normalidade, ela é gentil, compassiva e acima de tudo, sábia. Ela pode ser implacável, mas jamais deixaria uma pessoa inocente morrer.

-E você está bem? - pergunto, genuinamente curiosa. Entendo que Gabrielle tenha perdido sua alma gêmea, mas Liv...digo, Eve, perdeu a mãe que recém tinha recuperado.

-Aprender sobre Eli me faz lidar com a perda de uma maneira diferente. Dói e sinto que uma grande injustiça ocorreu, mas me preocupo mais com minha outra mãe nesse momento. Queria poder fazer algo por ela.

-São verídicos os rumores de que... Xena escolheu assim?

-Sim. Na contramão de todos os ensinamentos de Eli – disse ela torcendo os lábios com um olhar triste. - Ela disse que o único modo de eu me perdoar seria permanecendo viva e equilibrando as coisas fazendo o bem maior. Às vezes fico irritada com a hipocrisia dela, mas ainda a amo.

-É por isso que está aqui? Você está tentando equilibrar as coisas me mantendo viva?

-Isso te incomoda?

-Me lembra a todo momento da minha própria estupidez e incompetência.

-Sinto muito por isso. - ela diz e ri. Eu não consigo me conter e rio também, da minha própria desgraça. - Varia, eu tenho uma dívida com você. E tenho outra com Gabrielle, pois Xena me deu a luz, mas Gabrielle inúmeras vezes também me deu a vida. Eu não quero que você morra e não quero que Gabrielle tenha que viver com isso. Mas não se trata só de reparação. Eu realmente me importo com vocês duas.

-Por que?

-Existe necessidade de haver uma razão? Às vezes é apenas como a gente se sente. - ela suspira – Eu jamais serei uma amazona. Não seria justo eu me tornar uma e não é o que quero. Mas alguém precisa cuidar dessa tribo. Gabrielle nesse momento não está com condições de fazer isso. E as outras amazonas...

-São um monte de crianças imaturas.

-Eu não iria dizer isso, mas... - ela riu. - É por isso que você precisa voltar.

-Eu não sou melhor do que elas. Veja os erros que cometi. - falo, e em seguida reflito que ela sequer deve saber que quase cravei uma flecha em Gabrielle a mando de Belerofon.

-Tudo bem. Somos todos um trabalho em progresso. Vai comparar erros comigo, Varia?

“Eu odeio Ares” - penso. No fim ele era o principal responsável por toda essa sucessão de infortúnios que aconteceu tanto na minha vida quanto na de Eve. Eve... Eu percebo que pela primeira vez pensei nela como Eve, de uma maneira natural e não irônica. Olho para o cabo do meu cajado improvisado com as marcas que fiz.

-Me sinto estúpida. Em quase 10 dias mal consegui me alimentar e quase morri por diversas vezes. Não sirvo de referência para nenhuma amazona.

-Você se cobra demais, Varia. Você entrou no exílio convalescente de inúmeras lesões e sem recurso algum. Lembre-se que é apenas humana.

Por um momento me lembro da razão das minhas lesões e sinto vergonha.

-Eve, eu preciso te pedir desculpas.

-Não precisa. Concentre-se em se recuperar e em cumprir as três luas de exílio que faltam.

-Não, escute. Eu sei das coisas que você fez, e sei o motivo de as ter feito. Eu tentei te matar por três vezes, porque achei que era a única forma de fazer as pazes comigo mesma. Eu sentia que devia isso à minha irmã.

-Está tudo bem.

-Você nunca revidou. Mesmo tendo força para me despedaçar. Eu sei disso.

-Minha morte não a traria de volta. Mas revidar nunca esteve nos planos. Isso implicaria em te machucar, ou pior. Por isso sempre aceitei minha sentença.

-Como você consegue viver com esse tipo de paz e abnegação? Tudo que eu sinto é vazio. Eu não sinto mais ódio por você, eu só sinto... vazio.

-Vazio pode ser bom. Significa que existe espaço para preencher.

Dia 10

-Você tem certeza de que Gabrielle não sabe que você está aqui? - pergunto mordendo um pedaço de fruta enquanto Eve se ocupa trançando um cipó. Eu acordei há pouco tempo de uma noite bem dormida e sem febre. Minha visão está menos embaçada e minha cabeça parou de querer explodir.

-Não. Mas ela não poderia me proibir de estar. A floresta é um território de ninguém.

Ela tem um ponto válido. Mas isso não incluiria ser minha babá ou meu anjo guardião.

-Perambular pela floresta fazendo caridade com amazonas desgarradas se tornou seu passatempo?

-Só quando elas têm lindos olhos castanhos. Não aconteceu muitas vezes.

O que acabou de acontecer aqui? Ela disse o que eu acho que ela disse? Ela me elogiou gratuitamente ou isso foi um...flerte? Quando me dei por mim estava com a mão em minha bochecha tentando sentir se ela havia de fato ficado quente ou se era mera impressão. Balancei a cabeça e dissipei os pensamentos. Meu arco havia quebrado quando acertei o gato selvagem com ele. Eu precisava de uma nova arma. Peguei a lâmina de obsidiana e comecei a afiar a ponta do meu cajado para transformá-lo em uma lança e poder pescar.

Eve levantou-se e ergueu o trançado de cipós que estava fazendo revelando uma minuciosa rede de pesca.

-Assim que seu ferimento cicatrizar, eu te desafio para uma pescaria.

-Pretende permanecer por aqui por tanto tempo assim?

-Acredito que em coisa de dois dias você estará bem. - disse ela caminhando para longe.

-Onde você vai? - pergunto impulsivamente com um pouco de receio.

-Fazer minhas preces – ela respondeu se retirando

Resolvo sair em uma caminhada beirando o riacho. O clima está agradável, ainda que o dia esteja quente e úmido, uma brisa fresca adentra a floresta tornando-a menos opressora. Mas quando analiso bem, percebo que o que a tornou menos opressora foi a presença de Eve. Estive acostumada a viver entre as amazonas desde que nasci. Era estranho sentir a solidão do modo como senti nos últimos dias. O silêncio externo se contrastava com o tumulto barulhento de dentro de minha cabeça, mas agora as coisas pareciam um pouco mais... silenciosas. Como um campo de batalha após um embate, só que a batalha havia sido minha contra meu ego e minha culpa.

Pela primeira vez senti meus ombros relaxados. Era como se tivessem retirado uma enorme pedra de cima de mim. Será que era isso que significava sentir-se bem?

Havia sido difícil aceitar a ajuda de Eve. Eu passei tempo demais odiando Livia e uma voz interna me dizia que seria fraqueza deixar-se cuidar pelo alvo do meu ódio. Ela havia me frustrado tantas vezes, inclusive me mantendo viva quando

eu queria morrer, mas estava sendo libertador se desapegar desse sentimento. É, acho que posso dizer que ela conseguiu me fazer querer sobreviver ao meu exílio.

Dia 11

Suspiro frustrada sentada em uma pedra ao lado do riacho. Meu ferimento está bem melhor, mas ainda não cicatrizou totalmente, então seria estúpido molhá-lo ou correr o risco de abri-lo de novo. Me sinto um peso morto por não poder entrar na água e conseguir uma refeição.

Eve se aproxima casualmente com sua rede de pesca improvisada e sem rodeios tira o sari que usava ficando apenas com sua roupa debaixo. Ela pula na água e nada até uma pequena ilha de rochas no meio da correnteza. Com destreza ela sobe nas rochas equilibrando-se e olhando atenta para a água pronta para lançar a rede. O sol forte bate em seu corpo semi bronzado fazendo as gotas de água que escorrem cintilarem forte. Observo seu corpo com curiosidade. Ele não é particularmente musculoso como o de muitas amazonas. Existe um aspecto um pouco esguio, porém forte. Forte o suficiente para partir os ossos de um guerreiro sem muita cerimônia. Acredito ser um pouco menos curvilíneo que o meu, mas me pego presa aos seus movimentos cheios de destreza, pulando de rocha em rocha. Ela captura sua presa finalmente. Tira o peixe da rede e joga em minha direção.

-Seu almoço. - diz sorrindo um pouco convencida, percebendo que me despertou de uma espécie de transe. Ela parecia satisfeita por isso.

-Como aprendeu a fazer isso? - desconverso me referindo à sua habilidade de pesca, esperando que a casualidade da conversa faça meu rosto voltar à sua cor normal. Sei que Xena era uma exímia pescadora pelo que contam as lendas, mas não acho que Eve tenha tido tempo de aprender com ela.

-Com os Elaianos. Eles se alimentam principalmente de peixe. É raro caçarem grandes feras.

-Sente falta deles?

-Às vezes. - diz ela arremessando outro peixe e então nadando até a terra - Mas minha missão mudou recentemente. Quando soube do ocorrido no Japão, eu sabia que meu lugar era com Gabrielle e não na Índia. Pelo menos por enquanto.

-Então foi lá que você conseguiu o sari. Ele lhe cai muito bem. - Digo me referindo à roupa que ela tinha tirado minutos atrás.

-Ah sim. Gosto da leveza dele. Mas demora uma eternidade para secar, por isso evito molhar. - Ela balança os cabelos fazendo uma rajada de pingos gelados voarem em mim propositalmente e senta-se ao meu lado, ao sol, esperando os raios quentes secarem seu corpo antes de vestir novamente o traje. Permaneço em silêncio incerta sobre o que dizer. Percebo que minha respiração está mais pesada...E sei que ela vai perceber isso. Droga. Fico muda por alguns segundos, sem saber o que dizer. Deveria agradecê-la pelo peixe? Ela vinha se mostrando incansável ao prover comida e *cuidar* de mim. E isso era uma coisa com a qual eu não estava totalmente acostumada para ser honesta. A única pessoa que cuidou de mim foi Marga, de um modo exigente e duro, mas maternal. Depois que ela partiu, o cuidado era somente comunitário, o que se espera de uma tribo, mas nada que faça você se sentir *alvo* de algum tipo de atenção especial.

-O que você gosta de fazer, Varia? - ela pergunta interrompendo meus pensamentos e fazendo eu voltar meu olhar para ela. Percebo que ela se deitou na pedra e colocou um braço sobre os olhos, protegendo a visão do sol forte que fazia a água do seu corpo secar aos poucos. Por alguns segundos eu me distraio com uma gota de água que faz o trajeto do seu peito até seu umbigo, hipnotizada com o caminho que aquela gota faz sobre sua pele levemente arrepiada pela temperatura da água.

-Como assim? - pergunto um pouco confusa.

-O que você faz por *gostar* de fazer e não por ser uma obrigação da tribo? O que é diversão para você?

-Eu... Eu não sei. Acho que nunca pensei nisso. Meu tempo sempre foi ocupado por deveres como uma amazona, ou treinamento de combate.

-Eu sei como é isso. - Ela disse com um pouco de amargura.

-Sem muita diversão em Roma, então?

-Ah não. Roma é tão inclinada para sangue quanto para celebrações. Tudo é motivo para um grande banquete, um grande bacanal ou uma atração na arena. Mas o que um dia eu estupidamente julguei como diversão, era apenas vazio. Eu achava que me divertia, podendo ter todo o dinheiro, a glória, o vinho e qualquer pessoa que eu quisesse em minha cama, mas no final eu era apenas um troféu, fosse de Augustus ou de Ares.

-Eu sinto muito.

-Está tudo bem. Aquela vida não existe mais.

-E você? O que gosta de fazer?

-Eu gosto de observar insetos – ela diz, me surpreendendo, quando eu esperava alguma resposta relacionada a costumes Elaianos ou algo grandioso - Eles são tão pequenos, mas seguem seu propósito sem ter noção disso. Acho que seres humanos deveriam fazer o mesmo. Pequenos atos, de bondade, fazem a diferença num cenário maior.

-Eu gosto de construir coisas. Mas tenho falhado miseravelmente nisso, como pode ver pelas minhas tentativas de fazer armadilhas ou abrigo.

-Estou perplexa. Eu iria jurar que seu conceito de diversão era dançar nua, coberta de lama, uivando para a Lua. - Ela riu se levantando e se vestindo. Pude perceber em sua cintura a cicatriz que ela havia me mostrado em nossa primeira interação, há mais de um ano. Por um momento me lembrei de como me senti quando troquei aquelas palavras com ela pela primeira vez naquela cabana amazona, o quão *atraída* me senti e o quão rápido a atração se transformou em ódio, quando eu soube quem ela era. Eu não sentia mais aquele ódio.

Dou risada.

-Não, Gabrielle se diverte mais com isso. Você deveria perguntar a ela. E correr em seguida. - Digo um pouco mais descontraída - Mas se você quiser ter certeza de quão divertido é uivar nua para a Lua, coberta de lama, durante a madrugada inteira, eu posso te mostrar isso, *se* eu um dia voltar para a tribo.

Eve dá um sorriso matreiro e levanta-se para voltar para nosso acampamento.

-Você vai voltar, *eu sei*.

Dia 12

Eu acordo com os primeiros sons da manhã. Parece ser muito cedo, pois quando olho para a entrada da caverna, não existe muita luz. Olho para o outro lado do que restou da fogueira e percebo que Eve não está ali. Eu me levanto, pego minha lâmina e meu cajado e dou alguns passos para fora. Sinto meu tornozelo ser golpeado e vou ao chão, caindo atrás de um pouco de vegetação.

-Silêncio - sibila Eve, após me derrubar propositalmente com uma rasteira.

-O que está acontecendo?

Ela não responde. Aponta para a frente me mostrando perto das árvores um pequeno grupo de homens armados. Caçadores. A penumbra das primeiras horas da manhã os torna quase imperceptíveis.

-Você deveria ter me acordado. - Eu digo entre os dentes. - Conseguimos derrotá-los se lutarmos juntas.

- Se lutarmos, precisaríamos matar cada um deles, pois não sabemos para quem trabalham, e isso atrairia um grupo maior em nossa direção. Não está nos meus planos.

-Eu respeito seus preceitos, mas eu não tenho problema nenhum em acabar com eles. Posso dar conta dessa parte.

-E então caso tenham um líder, ele organizará uma investida contra a tribo das amazonas selvagens que “friamente assassinaram seus homens”. Possivelmente fazendo mais guerreiros se juntarem a sua causa. Não é esse tipo de publicidade que você precisa agora.

-O que você sugere então?

-Esperar que vão embora.

-Eu as vi pescando no riacho ontem. Não devem ter ido muito longe, devem estar na caverna – disse uma voz rouca. Era o homem que havia me atacado dias antes. Ele tinha uma tala segurando o braço.

-Entrar numa caverna escura sem a certeza do que vamos encontrar lá? Não está nos meus planos brigar com um urso hoje. Viemos atrás de amazonas. - respondeu outro.

-Se a gente capturar uma delas, podemos chantagear a Rainha para que se renda. Tornaria tudo mais fácil e teríamos menos baixas.

-Não acho que seja tão fácil, veja o que ela fez com o seu braço usando só as próprias mãos - falou um terceiro.

-Raskar deu ordem de fazermos a patrulha e voltarmos. Vamos evitar conflito por hora. Vamos embora.

Eu solto o ar que estava segurando por alguns minutos quando eles saem. Nos levantamos e voltamos para o interior da caverna. Está um pouco escuro, mas os raios de sol que começam a despontar no céu já lançam um pouco de claridade.

-Gabrielle precisa saber disso. - Digo preocupada.

-Sim. Precisamos voltar para o acampamento amazona.

-Eu não posso voltar. Ainda faltam duas luas para o meu exílio terminar, Eve. Não vou desobedecer às ordens de Gabrielle. Você precisa ir sozinha e avisá-las.

-De jeito nenhum. Eu não vou deixar você aqui sozinha.

-Eu agradeço sua preocupação, mas já estou em condições melhores e posso me cuidar. Volte para o acampamento! - eu digo um pouco mais ríspida do que o pretendido.

-Eu não sigo ordens, Varia. - Eve baixa o tom de sua voz para um sussurro quase rouco me lançando um olhar desafiador. - Ou você volta comigo, ou não voltamos.

Solto um suspiro frustrada.

-Escute aqui, eu sou muito grata por tudo que fez, mas eu não preciso de uma babá cuidando de mim. - Minha voz sai alta e enérgica - Tem coisas maiores em jogo agora. Você já fez reparação o suficiente, me manter viva em nome de algum bem supremo não precisa mais ser uma das suas preocupações.

Eve solta o ar com um olhar incrédulo, como se eu tivesse afirmado algum tipo de absurdo. Fico confusa por um minuto.

-Inacreditável - resmunga, revirando os olhos – Como alguém que cresceu estudando estratégia consegue ser tão alheia e não enxergar um palmo à sua frente?

- Pelos Deuses, do que você está falando? - respondo irritada.

-Varia, você realmente crê que a razão de eu estar aqui é *APENAS* por reparação? - a voz dela se ergue pela primeira vez.

-Não é essa a missão da sua vida agora? Tentar equilibrar as coisas? - pergunto com um pouco de sarcasmo. Estou confusa e irritada. - Por qual outra razão você estaria embrenhada numa floresta cheia de perigos tentando manter uma amazona incompetente como eu viva há duas luas?

-POR CAUSA DO QUE EU SINTO POR VOCÊ - A voz dela sai como um rugido, e por alguns milésimos de segundo um frio me percorre a espinha. Esse rugido me lembrou Livia. A Livia verdadeira. Mas a percepção das palavras que saíram da sua boca fez essa sensação ruim se dissipar e dar mais espaço para confusão.

-O qu... - antes que eu pudesse emitir outro som, Eve me segura pela nuca com um movimento quase violento e pressiona seus lábios contra os meus com urgência. Eu travo por alguns segundos tentando fazer sentido do que está acontecendo, mas meu corpo responde por mim, segurando-a pela cintura e correspondendo ao beijo. A consciência da minha falta de experiência com esse tipo de contato físico me assombra por um momento, mas decido que não vou me preocupar com isso. Me entrego, saboreando os lábios dela como uma fruta

cheia de néctar, sentindo sua maciez e o conforto que eles me causam enquanto ela explora os meus.

Passam-se alguns segundos até ela pare, afundando seu rosto em meu pescoço, fazendo eu sentir um roçar muito leve dos seus lábios e a sua respiração pesada fazendo minha pele arrepiar. É como se uma corrente elétrica percorresse meu corpo dos pés a cabeça. Consigo sentir que sua pele e seus cabelos cheiram a sândalo. Ela mantém a testa encostada na minha enquanto nossos olhos estão fechados. Percebo que estou ofegante, mas ela também está.

-O que você sente por mim?

- Nesse momento, vontade de te dar um soco por você ainda ter que me perguntar isso. Talvez eu considere isso se você tiver a audácia de negar que também sentiu algo.

-Desde aquele dia na cabana amazona. - Eu coro um pouco mais do que já havia corado com aquele beijo. -Eve... Eu... Não posso voltar. Eu preciso ganhar o respeito de Gabrielle novamente... Por favor. Você precisa fazer isso, pela Nação Amazona. Eu prometo que vou ficar bem.

-E como eu me perdoou se algo acontecer com você?

-Você usa seu direito de casta e lidera toda a nação para cima deles – eu digo, rindo para tentar fazê-la se sentir melhor, e acabo recebendo um soquinho no braço. - Eu vou ficar bem. Em menos de um dia você consegue chegar no acampamento Amazona e depois pode voltar. Estou mais forte, então posso subir nas árvores e me manter acima do solo. Será mais difícil me emboscar assim.

-Me prometa que não fará nada perigoso. Eu vou deixar minha faca com você. Use-a se for preciso.

-Você não pode ir sem proteção.

-Eu posso. Acredite. Eu não sou boazinha, como você pode pensar.

Eu aceito, sabendo que não é uma discussão que eu irei ganhar. Ela vira-se iniciando sua caminhada.

-Ei Eve. Volte inteira, por favor. Temos muito a conversar.

Ela apenas sorri e me deixa. Eu subo na árvore mais próxima e fico satisfeita em ver que finalmente a floresta densa será uma vantagem. Com sua extensa rede de galhos poderei me movimentar de maneira completamente furtiva.

Algumas horas se passam desde que Eve me deixou. Avanço um pouco para dentro da floresta para sondar o território. Visualizo vestígios de um

acampamento recente em uma clareira no meio dela. Isso quer dizer que os caçadores estiveram vasculhando o território atrás de nós. Me pergunto em que área estariam agora, mas não demora muito para que eu descubra. Uma nuvem de fumaça densa brota no horizonte e ouço vários bandos de pássaros fugindo aos gritos. Droga. Eu sabia o que isso significava, não era a primeira vez que me encontro nessa situação, mas dessa vez Xena não estava ali para me catapultar para a segurança. Eu sei que a estratégia deles consiste em incendiar o outro extremo da floresta e nos prender entre dois paredões de fogo. Só posso rezar aos deuses que Eve esteja em segurança, já perto do acampamento amazona.

Minha melhor chance é segui reto à oeste da floresta, tentando me locomover por uma linha reta de árvores e evitar ficar presa entre duas muralhas de fogo.

Meus ouvidos se sobressaltam. Ouço estalos vindos do outro lado, de trás de onde a caverna onde me abriguei fica. O segundo foco de incêndio começou. Tento me apressar, sendo cuidadosa para saltar de galho em galho, mas o vento começa a inundar a floresta de fumaça, dificultando a visão. Estou um pouco acima da faixa de fumaça, mesmo assim, o cheio de madeira verde queimando faz minha garganta e meus olhos arderem.

Avanço arduamente por várias léguas. Sei que estou chegando perto da campina que separa a floresta do território das Amazonas. Preciso descer e sair dali. Infelizmente parece que não tenho escolha, meu exílio terminará mais cedo.

Uma confusão com vários animais selvagens ocorre lá embaixo. Inúmeros cervos, porcos selvagens e animais menores empreenderam fuga para se salvarem, levantando uma nuvem de poeira que se mistura à densidade da fumaça. Sinto dificuldade em respirar, o que me deixa cada vez mais tonta e tornar minha navegação aérea perigosa. Decido saltar da última árvore para a relva, quando algo prende minha atenção. Pensei estar alucinando pela fumaça, mas não.

-EVE! - grito lá de cima. Ela está na entrada da floresta, tentando tapar o rosto com um pedaço do sari no meio daquela confusão generalizada de fumaça, poeira e animais em fuga.

-VARIA, CUIDADO.

Instintivamente salto para o chão, antes que duas flechas incendiárias me acertem. Um grupo de três homens imediatamente nos rodeia, seus rostos cobertos por tecido. Jogo a faca de Eve para ela, retornando sua arma e puxo minha pedra de obsidiana. Eve aplica seu famoso golpe em um dos homens e o manda pelos ares. Eu consigo imobilizar um segundo, lhe aplicando uma

chave de braço até que desmaie, mas quando me levanto, o terceiro se joga em cima de mim, e me desequilibro no declive que separa a floresta da campina. Acabamos rolando por alguns metros para o meio das árvores em meio a uma luta corporal frenética. Eve grita meu nome e tenta chegar até nós, mas a fumaça está densa demais atrapalhando a visão. O caçador tenta encostar uma lâmina em minha garganta, mas seguro seu braço, tentando desviá-lo.

-VARIA, onde você está???? - Percebo que Eve tenta tatear o chão para chegar até mim, sem visão alguma, mas não consigo gritar. A fuligem e fumaça queimam minha garganta. Uma ideia surge. Com o braço livre começo a puxar o pano que cobre o rosto do caçador a ponto de quase enforcá-lo. Cubro meu próprio nariz com ele, tampando um pouco da fumaça, o suficiente para tomar fôlego para impulsionar meu corpo e tirar aquele homem de cima de mim. O empurro com força o suficiente para mandá-lo cambaleante para frente, mas ele acaba perto de Eve que está sem visão e desorientada pela fumaça que respirou.

-EVE, à sua direita! - consigo puxar o fôlego para gritar. Apenas a vejo golpear às cegas e acertar o estômago do homem com a faca. Ele cai de quatro, se agarrando ao braço dela e a levando para o chão. Mesmo sangrando muito ele encontra força para fechar as mãos ao redor do pescoço dela.

-Eu posso morrer, mas cairei sendo quem matou a Vadia de Roma.

Eu voou. Tudo é um borrão. A última coisa que vejo é minha lâmina de obsidiana rasgando a garganta dele.

-Mostre respeito, seu bastardo – eu sibilo jogando o corpo sem vida dele para o lado.

O corpo de Eve está caído inerte.

Gabrielle iria me matar, mas na realidade eu já morri por dentro.

Entardecer do dia 12.

Faço um esforço mental descomunal para não ceder à exaustão. A cada respiração, ouço um chiado agudo saindo de mim e meu coração bate como um tambor de guerra. Tento lutar contra a confusão mental e me concentrar na minha tarefa.

Em meus braços, carrego Eve, desacordada. Sua pulsação é extremamente fraca, então sei que cada segundo é precioso para chegar ao acampamento

amazona. Minhas pernas parecem querer ceder a cada minuto, mas eu continuo os passos cambaleante pela relva da campina.

No passado, tudo que eu queria era ver aquela que eu considerava minha inimiga morta. Agora, a ideia de perdê-la parecia arrancar um pedaço de mim.

Minha visão vacila, se borrando e querendo escurecer. Tento fazer um esforço maior para me manter acordada, me concentrando nos altos estalos de árvores engolfadas pelas chamas que deixei para trás. De repente visualizo um fio de esperança no horizonte meus ouvidos captam o som de um trotar furioso.

Emergindo à frente está um pelotão amazona liderado por Gabrielle. Elas cavalgam furiosamente e minha direção. Quando se aproximam o suficiente, meus joelhos cedem e eu me ajoelho na relva ainda segurando Eve em meus braços. Gabrielle desmonta, com aflição no seu olhar e corre até mim.

-Me perdoe – digo baixo antes que ela diga qualquer palavra – Me perdoe, minha rainha.

Não consigo conter as lágrimas. Meu choro é desesperado enquanto abraço o corpo inerte de Eve. Gabrielle rapidamente coloca os dedos no pescoço dela tentando sentir a pulsação e solta o ar com um pouco de alívio quando capta um pulsar fraco, mas ainda perceptível. Ela fecha os olhos com uma expressão de conflito interno por alguns minutos. Quando os abre, vira-se para mim com uma profunda seriedade.

-Não temos tempo a perder. Varia, você consegue montar? - Balanço a cabeça acenando que sim. - Você e Rani levam Eve de volta ao acampamento. Eris e eu nos dividiremos cada uma com um pelotão ao redor da área da floresta para encontrar os criminosos.

-Como você sabia? - eu sussurro fraca.

-Eu sei de tudo que acontece no território amazona, Varia. É meu papel enquanto rainha.

Gabrielle ajoelhou-se perto de mim e tomou a mão de Eve entre as suas.

-Fique bem, minha filha. - disse beijando a mão de Eve e em seguida se retirando para montar e sair em galope com as demais Amazonas.

Rani me ajuda a colocar Eve em cima de um cavalo no qual ela mesma monta e seguimos para o acampamento amazona.

Amanhecer do dia 13.

Acordo em sobressalto e instintivamente puxo o fôlego. Minha garganta arde como se o ar lhe agulhasse. Tusso um pouco antes de conseguir me recompor e percebo que em algum momento do trajeto até o acampamento, devo ter perdido a consciência. Olho ao redor e percebo que estou na enfermaria amazona, o mesmo lugar que eu havia estado há mais de um mês antes.

Olho ao redor e Eve não está ali. Sinto meu interior se retorcer, temendo o pior. Escuto uma algazarra vindo de fora e com dificuldade me levanto para olhar. Várias amazonas feridas estão sendo conduzidas até a enfermaria onde estou. Vejo Eris na parte central do acampamento, supervisionando uma pira funerária que está sendo construída. Meu coração para por um momento e percebo que Gabrielle não está ali.

-Eris!!! - tento gritar, mas minha voz sai como um chiado fraco. Ela olha para mim com um semblante triste e acena com a cabeça indicando a cabana da rainha. Me dirijo cambaleante, com desespero crescente e adentro o recinto.

A primeira visão que tenho é de Gabrielle, de costas para mim, sentada ao lado de um catre improvisado. Chego mais perto com dificuldade para conseguir visualizar. Eve está ali, inconsciente. Caio de joelhos no lugar onde estou sem conter um choro desesperado, de dor, de alívio, de muitas emoções que sinto agora. Uma de minhas irmãs amazonas estava morta, eu não sabia quem era, e isso deveria me enlutar, mas seria um pecado tão grande eu ser tomada de um alívio tão arrebatador por aquela pira não ser para Eve ou para Gabrielle?

Gabrielle olha para trás e me enxerga ali, completamente desfeita numa mistura de sangue, fuligem e lágrimas. Ela caminha até mim, me ajuda a levantar e me abraça. Eu não esperava isso.

-Obrigada – ela sussurra.

Eu choro em seu ombro por alguns minutos até que meu corpo consiga parar de soluçar.

-Minha rainha.... - Falo fracamente.

-Varia, descanse. Vamos conversar quando todas estiverem recuperadas.

-Eve...ela...

-Ela ficará bem. *Estamos* cuidando disso.

Dormi por dois dias seguidos, meu corpo cedeu ao cansaço e aos ferimentos me enviando para um sono profundo. Acordei apenas duas vezes para me alimentar e para tomar a medicação que a curandeira me forneceu.

Tive sonhos estranhos, misturando as figuras de Marga e de Xena, tentando me dizer palavras que eu não entendia, mas pareciam tranquilas, com o semblante leve.

Me levanto me sentindo um pouco melhor. Minha garganta ainda arranha, mas minha respiração está menos pesada. Saio da enfermaria e observo o movimento lá fora. Tudo parece ter voltado à normalidade. As amazonas mais novas fofocam a respeito da batalha entre a tribo e os caçadores, sobre como aniquilaram com sucesso o grupo e como uma de nossas irmãs, Anira, havia caído honrosamente em batalha para salvar nossa Rainha de uma lança. Contavam sobre como Gabrielle entrou na luta, com uma fúria implacável e como as liderou para vitória.

Meus olhos procuram a cabana real, para onde me dirijo na esperança de encontrar Gabrielle e Eve, mas quando a adentro, apenas a rainha se encontra lá.

-Rainha Gabrielle...

Ela ergue os olhos do pergaminho que estudava em sua mesa e me dirige o olhar.

-Fico feliz em te ver melhor, Varia.

Seu semblante é leve. Não parece a Gabrielle amarga e enlutada de algumas luas atrás. Desvio o olhar e olho para o chão, um pouco envergonhada.

-Mas eu falhei em cumprir minha pena.

-Eu sei. E falhou em passar pelos seus dias de exílio por conta própria também.

Eu pisco algumas vezes, percebendo que tais palavras significam que ela sabia onde Eve esteve.

-Imploro seu perdão. Por favor, não culpe Eve por nada.

-Veja, eu te disse que saberia se você trapaceasse. Eu sei TUDO que acontece no território amazona, quando estou governando-o. - a voz dela era baixa e mortalmente séria.

-Eu sei que nada que eu diga vai me dar credibilidade... Meus erros passados testemunham contra mim, mas...

-Varia, você tem razão. Eu não poderia acreditar nas suas palavras novamente. Não sem que elas fossem provadas pelas suas ações.

-No entanto falhei também com elas. - suspiro triste e envergonhada.

-Você falhou em cumprir a pena. Mas não falhou no propósito que eu tinha para você.

-Não entendo. - digo confusa. Vejo que Gabrielle está com o olhar perdido enquanto fala, olhando para algum ponto atrás de mim, medindo suas palavras.

-Quando Xena e eu te conhecemos, você era uma amazona forte, impetuosa, cheia de orgulho e com o ego do tamanho do Olimpo. Marga tinha muita fé em você, e eu consigo ver o motivo. Mas você recebeu a missão de ser uma líder antes do tempo. Sua maturidade, obstinação e obsessão por vingança te cegaram a tal ponto que seu foco não era mais a nação amazona. Sua obsessão é se vingar de Eve, desde que a encontrou.

-Eu não quero mais isso.

-Eu sei. Mas ninguém conseguiria fazer você desistir disso senão você mesma. - Gabrielle sorriu. - Para isso a Varia orgulhosa precisou dar lugar a uma Varia que precisou aceitar ser ajudada por quem menos queria.

-Como você sabia?

-Eu aparento ser apenas um pouco mais velha que você, mas na prática, eu nasci em outra época e aprendi muito com outras pessoas.

-Então foi um plano desde o começo? - ela olha para o lado e ri um pouco do meu tom de voz que saiu um pouco ultrajado.

-Eve está se encontrando em sua missão como pacifista. Existe muito a se ajustar no modo como ela age ainda, e isso virá com o tempo. Eu já estive nesse caminho. Mas eu sabia que ela jamais me deixaria te colocar em risco de morte, sozinha, numa floresta sem proteção alguma, principalmente se ela indiretamente fosse a razão disso. Condenar uma pessoa inocente a morte não está nos princípios dela. Digamos que eu tive que trabalhar em uma expressão muito crédula quando ela me disse que partiria em uma missão para cuidar de alguns enfermos em Termópolis.

Eu soltei um sorriso leve. Havia alguma graça em tudo isso.

-Então sua tática foi a de confinar nós duas no mesmo espaço até que passássemos a nos entender. Sem... armas, para evitar que eu fizesse alguma bobagem.

-Acredito ter funcionado, não? Sei que foram dias difíceis. Sinto muito por isso, mas Xena me ensinou que os melhores remédios são amargos mesmo.

-Como soube dos caçadores e do incêndio? Eve partiu para te avisar, mas não conseguiu chegar a tempo.

Gabrielle olhou para o nada por alguns segundos e sorriu.

-Intuição. - respondeu, virando-se para mim novamente. - De todo modo, bem-vinda de volta à Nação Amazona. Agora acredito que você está pronta para ser a Varia que preciso que seja nesse lugar.

-Eu não...

-Shh. A gente fala sobre isso depois. Vá atrás da sua garota. Ela está meditando perto do córrego.

Olho para Gabrielle incrédula, sinto meu rosto corar furiosamente e faço menção de dizer algo, mas Gabrielle apenas revira os olhos tediosamente como se tivesse afirmado algo terrivelmente óbvio e acena com a cabeça em direção à porta.

-E me desculpe pela surra. Espero que não tenha perdido nenhum dente.

Eu caminho até perto do córrego que abastece a água utilizada no acampamento amazona. Eve está lá, sentada embaixo de uma oliveira parecendo estar em completa serenidade.

Me aproximo cautelosamente para não interromper sua meditação e paro a alguns metros de distância. Seus olhos estão fechados e suas mãos posicionadas formando um símbolo estranho. Suponho ser algum tipo de técnica hindu que ela aprendeu.

Aproveito a ausência do olhar dela para analisar cada pequeno detalhe de seu rosto suavemente angulado, o caimento de seus cabelos e seus lábios bem desenhados. Me fixo um pouco mais de tempo nesse último detalhe, suficientemente distraída por eles para não perceber que seus olhos estavam abertos.

-Olá, amazona. - diz ela rindo um pouco – Perdeu algo perto do córrego?

Sua voz estava um pouco mais áspera do que o normal, o que era natural considerando o que havia passado.

-Eu espero que não - respondi me sentando ao lado dela. - Mas tive muito medo de perder. Você não devia ter voltado por mim.

-Eu voltei e ambas estamos vivas. Só vantagens. - Ela responde calmamente. - Obrigada, minha salvadora.

-Parece que fechamos o círculo, afinal.

-Sim, e agora? Pronta para voltar a ser uma amazona?

-Parece que você estava certa. O meu lugar é aqui. Mas aparentemente ambas caímos num plano ardiloso de Gabrielle.

Eve solta uma gargalhada gostosa e descontraída, e acaba tossindo um pouco.

-Existe sabedoria até mesmo em planos ardilosos. Mas não a culpe por inteiro. Ela não estava sozinha nisso.

-Você sabia de tudo?

-Não, eu não... Uma certa guerreira.

Arregalo os olhos um pouco incrédula.

-Xena?

-Pois é. Bom, era bastante óbvio que a conexão delas transcendia a barreira entre os mundos, mas eu não pensei que minha mãe usaria seu tempo etéreo para armar pequenos esquemas e fofocar sobre as coisas que acontecem nas florestas por aí.

-Isso explica o fato de Gabrielle frequentemente olhar para pontos aleatórios no “nada”. E nós o tempo todo achando que ela não estava bem. - Digo pensativa – Espera aí, Xena sabe sobre TUDO que ocorreu na floresta??? - pergunto ruborizando levemente.

Eve dá de ombros e sorri.

-Existe algo que ocorreu lá que você queira esconder?

-Acho que não teria muito sucesso nem se tentasse. Eve... Nós... Eu... Eu preciso dizer algo, algo que talvez mexa em uma ferida, mas eu sinto que se eu não falar sobre isso agora... Você disse que nunca havia me pedido perdão porque não se achava digna do direito de me fazer precisar considerar te perdoar. Eu só queria dizer que... Todas as vezes que você cuidou de mim lá fora, mesmo eu sendo horrível com você, dizem tanto quanto um pedido de perdão. E se vale de algo, eu te perdoar. Espero que você possa me perdoar também, e o mais importante, perdoar a si mesma. Nenhuma de nós é a mesma pessoa do nosso passado, eu entendo isso agora.

-Obrigada – ela diz com um sorriso triste. Uma lágrima solitária escorre pelo canto do seu olho. - No tempo que andei com Xena e Gabrielle eu aprendi muitas coisas. Elas costumavam dizer uma frase que sempre me fez refletir “É mais fácil acreditar em si mesmo quando alguém mais também acredita”. Eu

não sei se algum dia terei paz de verdade pelas coisas que fiz, isso só o tempo vai dizer. Enquanto isso, eu continuarei fazendo o máximo que puder para mudar a realidade para a melhor, como Xena. Mas... É bom sentir algo diferente de arrependimento e pesar.

-Xena tinha uma vantagem a mais.

- Um chakram? - ela pergunta, rindo e secando a lágrima.

-Uma amazona teimosa ao lado dela. - Rimos por um momento. Eu tomo coragem e seguro a mão dela, entrelaçando meus dedos nos dela – Gostaria que eu equilibrasse as coisas ao seu favor?

-Tenho que pensar a respeito – Eve diz, com falsa seriedade. - Eu te disse que não queria ser uma Rainha Amazona. Mas talvez uma rainha consorte, seja negociável. - ela diz me dando um soquinho no braço.

-Sobre isso, eu não posso garantir. Gabrielle é muito melhor nesse trabalho do que eu.

-Você é muito boa em muitas coisas também.

Eu sorrio e levo minha mão ao rosto dela, tirando uma mecha de cabelo que teimava em cair, mas minha mão permanece lá por mais tempo que o necessário. A puxo suavemente para um beijo e sinto ela se entregar ao momento. É diferente do primeiro, não tem a mesma urgência e o mesmo sentimento de medo. É profundo, e é sereno. É cheio de promessas, mas cheio de respostas. É como um dia calmo, dentro de um furacão.

Mas ele é interrompido. Vozes estridentes gritam em uníssomo.

-Varia e Eve, se beijando na oliveira, Eve com a Amazona, e Varia com a guerreira.

Um grupo de crianças termina de cantar e sai correndo.

-Acho que vamos virar a fofoca da vila – diz Eve, rindo.

Eu caminho até a tenda de Gabrielle, anuncio minha presença e entro.

-Rainha Gabrielle...

-Varia, por favor, me chame só de Gabrielle. Isso não é necessário - ela diz um pouco impaciente.

-Tudo bem, me desculpe. Gabrielle, temos um problema.

Gabrielle olha para o lado e ri.

-Se um problema fosse tudo que tivéssemos, tudo seria resolvido tão facilmente. - ela fala depois de alguns segundos. Tenho a impressão de que ela apenas repetiu uma frase que havia acabado de ouvir. Instintivamente olho para o lado, mas sei que ver Xena é algo reservado apenas à alma gêmea de Xena. - Mas me diga.

-Eve.

-Eve é um problema?

-Eve quer me dar o direito de casta dela.

Gabrielle ergue uma sobrancelha.

-É disso que vocês jovens tem chamado ultimamente?

-O que... - franzo a testa confusa, só entendo quando percebo um sorriso dela me zombando - Não! Gabrielle!

Ela ri, olhando para um pergaminho por alguns segundos, levando tempo como se ponderasse sobre o que eu havia dito.

-Bom, o direito de casta é dela, e ela pode abrir mão dele em qualquer momento. Foi assim que eu recebi o meu, embora a amazona que me passou, tenha feito enquanto morria.

-Mas você é a Rainha agora! Você é justa e sábia, e vai liderar a Nação Amazona à ascensão!

-O direito de casta te torna legitimamente minha sucessora, Varia. Ele formaliza algo que já estava acontecendo. Marga o teria passado para você, se não tivesse morrido antes. Se você o receber agora, apenas terá algo que já seria seu.

-Mas você não precisa de uma sucessora! Você é muito jovem e viverá por muitos anos.

-Sabe que eu perdi as contas? Mas posso te garantir que já passei dos 50... - ela diz rindo do comentário atípico. Nada era muito “comum”, quando se tratava da vida de Gabrielle. - Mas sim, eu preciso.

Fico confusa por alguns minutos, e espero ela continuar.

-Tem algo que eu preciso fazer, que envolverá uma longa jornada. - Gabrielle olha por cima do meu ombro e sorri suavemente – Eu compreendo que tenham pensando que eu permaneceria aqui por mais tempo. Eu amo a nação amazona. Sempre amarei e sempre farei tudo por ela. Mas...

-Mas você também ama Xena – completo a frase, entendendo do que se tratava.

-Eu acho que agora você entende, não é?

Eu aceno assentindo. Ela continua.

-Algo novo surgiu. Uma possibilidade. Uma chance que não posso perder. Mas eu terei que voltar ao oriente. Vai ser uma jornada longa e dolorosa, que eu preciso fazer sozinha.

-Exceto que você não fará sozinha. - Observo.

-Eve te contou, não é? - assinto com a cabeça - *Ela* disse que Marga mandou avisar que te ama muito e se orgulha de quem você se tornou.

Meus olhos ficam marejados.

-Varia, eu fui dura com você, e você sabe que foi necessário. Mas hoje você é a pessoa certa para cuidar da Nação. Você terá ajuda, eu tenho certeza. Não consigo pensar num par mais inusitado, mas ao mesmo tempo, mais adequado para a tarefa.

-Eu tenho medo.

-Estranho seria se não tivesse. Quando você arrisca o seu coração, seja pela sua companheira de jornada, seja pela sua tribo, o medo é uma reação natural. Eu sempre senti medo. Xena sempre sentiu medo. É o preço que se paga por amar.

-Você acha que se trata disso? - ela ergue uma sobrancelha - Você acha que é isso que ela sente por mim? Digo... E-eu perguntei. Ela disse que queria me dar um soco por perguntar. Ela nunca disse assim, com palavras. E-eu... Eu não sei muito sobre...essas coisas.

-Varia, eu te juro que por um minuto você me lembrou muito um velho amigo meu. Exceto que ele era homem, e usava um chapéu pontudo. - ela ri se divertindo com a minha falta de jeito. - Você consegue arrancar o coração do inimigo ainda pulsando, mas não sabe o que fazer quando ganha o coração de alguém?

-Ela teve inúmeras pessoas no passado. Eu...ninguém. E se eu estragar tudo?

-Livia teve inúmeras pessoas. Eve nunca teve ninguém - ela diz e sorri um pouco saudosa. - Eu lhe entendo, Varia. Já estive em seu lugar, e a sensação era como a de olhar em uma lagoa profunda, hipnotizada pela água, mas morrendo de medo de não conseguir nadar.

-Como você lidou com isso?

-Eu confiei na água e deixei ela me levar. - Ela sorri, olhando para o lado. - Olha, eu tenho algo para vocês duas. É um pergaminho que escrevi noite passada. Diz muito sobre mim e Xena, mas ela sugeriu que seria um bom presente para vocês. Só peço que abram somente quando eu partir, tudo bem?

Eu aceno que sim.

-Vá. Preciso falar com Eris agora. Precisamos preparar sua coroação.

A máscara recebida por Gabrielle e o colar que ela acabava de amarrar em meu pescoço tinham um peso que iam muito além do físico. Eu já estive nessa situação no passado, mas agora era completamente diferente. Agora era uma chance que eu não arruinaria com meu ego. Aquela Varia havia perdido tudo, para que essa de agora pudesse se reencontrar. Eu realmente sentia o propósito de fazer a Nação Amazona ascender novamente. Sabia que uma vida de trabalho duro me esperava para construir o que havia sido destruído no passado. Mas Eve estava ao meu lado, sorrindo com orgulho, tal qual Xena esteve ao lado de Gabrielle, sorrindo orgulhosa todas as vezes que ela precisou assumir seu posto de rainha. Eu seguro a mão dela e nossas mãos se levantam juntas, gritando para minha tribo.

“Por uma Nação Amazona forte!”

“Por uma Nação Amazona forte!”

Epílogo

Abro meus olhos, não em sobressalto, mas tranquila e sem pressa. Deitada de bruços, visualizo a pele macia que forra minha cama. Não mais o chão duro de uma caverna ou um catre de enfermaria, mas um local de conforto. Um feixe de luz entra por uma fresta da janela anunciando que um dia novo, de trabalho intenso, se inicia lá fora. Saboreio a sensação que o corpo nu de Eve parcialmente cobrindo o meu próprio me causa e me deleito por alguns segundos com as memórias da noite anterior.

Vejo o pergaminho dado por Gabrielle, ainda fechado na mesa de cabeceira e estico meu braço para alcançá-lo, o movimento é o suficiente para que Eve desperte. Ela rola para o meu lado e afunda o rosto em meu pescoço.

-Bom dia, Rainha Amazona – ela resmunga preguiçosamente se aninhando em mim. Confesso que a tentação de permanecer ali por algumas horas é enorme, mas não posso falhar com meus deveres de Rainha no primeiro dia.

-Bom dia, minha heroína. O que acha de abrirmos o presente de Gabrielle e depois iremos tomar um café da manhã dos campeões?

- Estou bem aqui. - Ela resmunga contra meu pescoço, rindo – Mas tudo bem, o dever nos chama.

Nos sentamos na cama, enroladas por lençóis de linho e eu passo meus braços ao redor dela esperando. Eve pega o pergaminho de minhas mãos e o desamarra.

‘Não sou a primeira pessoa que você amou.

Você não é a primeira pessoa para quem olhei.

Ambas conhecemos a perda, como a beirada afiada de uma faca.

Ambas parecemos ter mais cicatrizes do que pele.

Nosso amor veio sem anúncio, no meio da noite.

Nosso amor veio, quando havíamos desistido de pedir que o amor viesse.

Acho que deve ser parte do seu próprio milagre.

É assim que nos curamos.

Eu te beijarei como o perdão.

Você me abraçará como esperança.

*Nossos braços nos atarão, e guardaremos promessas
entre nós como flores dentro de um livro.*

Eu escreverei sonetos para o sal do suor de sua pele.

Eu escreverei histórias sobre a cicatriz em seu nariz.

*Eu escreverei um dicionário com todas as palavras que tentei
usar para descrever como me sinto ao finalmente encontrar você.*

Não temerei suas cicatrizes

*Sei que às vezes é difícil você me deixar te ver em toda sua
perfeição quebrada.*

Mas saiba, por favor...

Seja nos dias em que você arder mais do que o próprio sol

*| Ou nas noites em que você se desfizer em meus braços
Com seu corpo quebrado em milhares de perguntas
Você ainda será tudo que tenho de mais belo.
Eu te amarei quando você for um dia calmo.
Eu te amarei quando você for um furacão.”¹*

Para Eve e Varia.

1 - O poema acima chama-se A Mouthful of Forever, da escritora Clementine Von Radics. Tradução livre.